

# CANCRO COM HUMOR

marine antunes



Ulisses, terna criança que de seu destino pouco sabe. Outrora destemido guerreiro, abençoado pelos Deuses e aclamado pelos seus súbditos, tem agora o trabalho mais difícil de toda a sua existência: levar a sabedoria aos quatro cantos do planeta. Despojado do seu corpo forte e viril, Ulisses renasceu para o mundo no corpo de um menino que, sozinho, carregará eternamente todo o conhecimento dos antepassados.

Os Deuses atribuíram-lhe a missão de levar os livros, objecto do conhecimento, a todos quantos deles necessitem enquanto é forçado a iniciar uma busca pelos sábios escritores do amanhã.

Pobre menino, com tão grande fardo. Trazer sobre as suas frágeis costas os livros do antigamente para que os escritores do amanhã se revelem. Que nobre missão! Será Ulisses capaz?

Marine Antunes

# CANCRO COM HUMOR



*Ainda me vou rir disto*

Título: Cancro com Humor  
Autor: Marine Antunes  
Revisão: João Batista \* Livros de Ontem  
Capa e paginação: Nádía Amante \* Livros de Ontem

©2013, Livros de Ontem  
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

1ª edição: Outubro 2013  
Tiragem:  
Depósito Legal:  
ISBN:

Livros de Ontem  
Rua João Ortigão Ramos, 34, 6ºF  
1500 - 364 Lisboa • Portugal

[www.livrosdeontem.pt](http://www.livrosdeontem.pt)

Marine Antunes

# CANCRO COM HUMOR



*Ainda me vou rir disto*

## PREFÁCIO DO RAMINHOS

Quando a Marine me lançou o desafio de escrever o prefácio deste livro, o primeiro pensamento que me surgiu à cabeça foi: “Eu não conheço nenhuma Marine!”

Não que esteja a ser desrespeitoso ou convencido, mas pelo simples facto de que sou péssimo a guardar nomes, caras e recordações. Lá está, hipocondríaco como sou também levantei logo a questão de um tumor cerebral ao que o médico respondeu: “Não, é mesmo só parvo.”

Na verdade, não foi difícil recordar-me da Marine. Lembro-me, com a ajuda de uns comprimidos de Centrum, da aula de stand-up comedy na qual ela participou e fez questão de começar a contar piadas sobre o cancro. A primeira coisa que pensei foi: “olha mais uma que acha que vai lá a contar piadas de doenças e a chocar as pessoas”. Mas rapidamente percebi que o tema era pessoal, bem real e chamei-lhe a atenção para o facto de que as pessoas não iriam reagir muito bem à “conversa”. Marine borrifou-se nas considerações e foi para o palco contar piadas sobre cancro. Bonito era dizer que correu bem, mas nem por isso. Burra e teimosa! Toda a gente sabe que cancro é um tema tabu, toda a gente tem medo. Raios eu até tenho medo de referir a palavra. Muitos pensam que por dizer ou escrever “cancro”, a questão torna-se real. Era bom que fosse assim por outros motivos. Deixa cá ver, “Pamela Anderson, Pamela Anderson, Pamela Anderson”... não funciona. Como a maior parte das pessoas, infelizmente já convivi com a doença. A minha mãe teve cancro da mama e lembro-me do dia

em que mo disse. Chorei como nunca e mais ainda enquanto a minha mãe dizia “deixa lá filho, vocês também já estão criados”. Frase mais fatalista era impossível!

Foi um período complicado, mas à semelhança do que vão ler sobre a história da Marine, também acho que o superámos com humor, sobretudo quando vestia o meu sobrinho de 10 anos com o equipamento de futebol e a peruca da avó. Ficava tal e qual o Maradona. Não foi caso único. Uma prima minha, de tenra idade, linda de olhos azuis e cabelo louro teve leucemia, a minha tia morreu de cancro nos ossos e o maior problema disto tudo é que o Benfica não foi campeão. Merda! Quer isto dizer o quê? Que a vida continua... para o bem e para o mal. E história da Marine fala disso mesmo. De uma vida que continua e que nunca esteve perto de terminar, mesmo quando se calhar tudo indicava o contrário. É uma batalha tramada, carregada de emoções, mas, em bom português, “o que é que se há-de fazer?”.

Este é um livro verdadeiro de autoajuda. Não é como aquele de “O Segredo”, que não posso explicar o que é... porque é segredo. Este é um livro sem hipócrisias, sem a história do coitadinho, sem a história do pensamento positivo que se não tudo corre mal e com a Marine a dar dicas valiosas para família, amigos, e sobretudo, como mandar gentilmente para o ca#”%”#!\$ certas pessoas.

Por isso, não sinto pena da Marine. É uma besta! E se calhar por ser uma besta é que conseguiu ver humor em toda a sua história. Humor negro, daquele que leva algumas pessoas a benzerem-se e a pensarem nas atrocidades que esta miúda está a dizer. Atrocidades pautadas por momentos de rara beleza prosaica, com frases que nos puxam para o drama do problema, mas que rapidamente nos levam a respirar fundo e a colocar um sorriso nos lábios. No fundo é isso que temos que procurar fazer com todas as questões da vida. Por isso não tenham pena da Marine, nem

pensem que todas as pessoas que têm cancro são necessariamente boas pessoas. Olha o Duarte Lima que, alegadamente, fez tantas asneiras. No entanto, podia ser uma boa desculpa: “Passe para cá o dinheiro antes que leve um balázio. Não me leve a mal que eu tive cancro na próstata”.

Fico contente com a Marine, com a sua história, com a sua família. Só não quero que se case, porque não desejo esse mal a ninguém. Continuo a achar que arranjaría alguém bem melhor para escrever este prefácio... olha o Duarte Lima, por exemplo! Mas, obrigado Marine por me deixares fazer parte da tua história... e já agora comprem o meu livro que também é bastante bom. Podem comprar o dela e o meu, que não fala de cancros. Só para equilibrar as coisas.



## AGRADECIMENTOS

De tão grata que estou por estar viva, por ter sido inspirada pelo cancro a viver mais feliz, agradeço a todos os carequinhas que lutam e já lutaram e, com as suas histórias, me dão a perceber a minha pequenez; à minha mãe guerreira, fonte de luta e orgulho, que nunca saiu de perto de mim; às duas pessoas mais importantes de sempre, as minhas manas Sara e Alison, se não fossem minhas irmãs eu adoptava-as; aos amigos que sempre me conheceram sonhadora e acreditaram na irrealidade dos meus sonhos e à família enorme e especial que tenho.

Mas como prometi, este livro, dedico-o a ti, papá, por seres sempre o maior fã, como tu dizes, e por leres tudo o que escrevo desde que usava lápis de carvão, composições, poemas, histórias, mesmo quando não os entendes e o fazes só por amor.

CARAÇAS, QUERES VER QUE O CABELO COMPRIDO ESTÁ  
NA MODA E EU COM CANCRO?

Chamo-me Marine e já tive c-a-n-c-r-o. Desculpem soletrar, não creio que não saibam ler, mas há três ou quatro pessoas que temem que eu diga esta maldita palavra. Por isso, para não ferir susceptibilidades, quando quiser falar em c-a-n-c-r-o, utilizo uma palavra substituta – percalço.

Sendo assim, um dia tive um percalço. Sem nada prever, nem mesmo o mais fiel horóscopo, aconteceu-me um tal...percalço e tive mesmo de acatar com as consequências.

Desculpem, não consigo. Sempre que digo que tive um percalço, fico com a sensação que larguei alguma coisa que não era suposto largar. E prefiro dizer que tive um cancro do que um descuido gástrico. Desculpem os sensíveis mas falemos em cancro.

Ora bem, sei que estão neste momento a esfolhear o livro e a perguntar ao vosso amigo imaginário: quando é que é suposto começar a chorar?

Queridos, arrumem o lencinho, calem a Adele (só adianta abafar com uma almofada se for 15x15m) porque daqui não levam nenhum desabafo deprimente. Lamento o choque mas o meu cancro foi muito bem-vindo.

E isto é tão simples quanto o facto de eu ter sido sempre uma medricas. Desde que me conheço que tenho medo de aranhas, medo de teias de aranha, medo dos insectos que as aranhas comem, medo de alturas, medo de falar em alturas, medo da trovoada e até medo da minha professora primária (por favor senhora professora, quero que saiba que sempre a respeitei muito) por isso, este cancro

foi a única montanha russa assustadora em que consegui andar. E como nas montanhas russas, também me fartei de vomitar.

Na verdade, estou aqui porque tenho um sonho. Espero, ansiosamente, pelo dia em que algum Gil gordo, excitado com a carga da diabetes, grite ao meu futuro filho lá no recreio da escola:

- Lá, lá, lá, a minha mãe bate na tua! (leiam isto a cantar para a coisa funcionar melhor).

E o meu futuro filho (vai ser lindo como o meu futuro marido), no topo do escorrega, tal e qual um guerreiro da morte, responderá a plenos pulmões:

- Lá, lá, lá, pois bate, mas a tua mãe é uma mulher comum e a minha teve um cancro!

E o Gil gordo sairá a chorar, a correr e a limpar a ranhoca, perguntando-se porque haveria ele de ter uma mãe fraca, incapaz de ter uma doença tão perigosa.

Tirando este sonho maior, tenho outro, mais “piqueno”, mas igualmente importante.

Quero, e aqui urge que prestem atenção, continuar a gargalhar e a aparvalhar com tudo aquilo que de mau, ou vá, tudo o que menos bom, me acontecer. Sei que não vai ser fácil e até terrivelmente impossível conhecer quem queira casar com uma mulher cheia de humor negro...mas aceito o desafio.

Se eu fizer força para me concentrar e pensar bem (não com excessiva força ou terei de voltar a falar em percalços), o bom senso diz-me que este gosto mórbido por humor negro não é adequado para uma mulher e, sobretudo, ex-doente.

Ora se não, vejamos: como mulher, além de conseguir correr com sapatos de salto alto, deveria ter um comportamento típico de senhora, o que implicaria que, sempre que ouvisse uma graça, de mim deveria surgir todo um guinchar em vez de um riso alto e taralhoco e, muito docemente, uma Marine chique e feminina

levaria a mão à frente da boca para calar o soluço gemendo um irritante «ai que parvol!». Paralelamente a este gesto delicado, o meu cabelo esvoaçaria num lançamento de charme direcionado aos rapazes tolos. Infelizmente para todos, este cenário romântico nunca acontece porque, lá está, adoro humor. As más-línguas dizem que quando nasci, não chorei, dei uma bela gargalhada.

Arremato já esta parte confessando-vos que a minha história não é nova, nem brilhante, nem espectacular, nem diferente de tantas outras histórias de cancro. Conheço, aliás, gente bem mais interessante do que eu no que toca a esta matéria. Mas entendam, estou desempregada, entediada e não acho justo continuar a importunar as mesmas pessoas de sempre – os meus progenitores. Os meus pais, coitados, achavam que crescidas as filhas se viriam livres do encargo, mas o mundo é cruel e eu, aos 23 anos, continuo a viver com eles. De manhãzinha, quando acordo e digo uns «bons dias, meus queridos pais» (eu sei que os mais cépticos duvidam que acorde assim), há logo todo um longo suspirar e um desabafo matinal:

- Mas esta ainda cá vive?

Além deste transtorno, rir-me do meu cancro é praticamente uma vingança antiga. Sempre me foi ensinado a não levar dissabores para casa, contudo, infelizmente, desde os meus treze anos, tenho muita coisa para lhe dizer (a ele, ao coiso...), e como grita o meu ser interior maléfico, não há melhor forma de nos vingarmos de alguém do que exibindo um belo sorriso na cara. Depois de um belo petisco, uma das coisas que mais me dá prazer é rir-me das desgraças - há que poupar os padres e exorcizar sozinhos os nossos próprios demónios. Defendo que as nossas desgraças são excelentes temáticas humorísticas e acredito que se formos os primeiros a rir de nós mesmos, todos os outros que vierem para demolir a nossa autoestima já chegarão tarde. Olhar

para o cancro com humor não é mais do que uma outra forma de o vermos e se o inferiorizarmos com a nossa excelente capacidade de improviso e de gozação, o bicho atormenta-se e baixa a crista.

Isto que digo é muito bonito, cai muito bem, mas impõe um problema. Como cantou uma vez a carochinha:

- Quem quererá casar com uma mulher que adora humor negro?

Já me imagino toda eu dona de casa, toda eu com muita vontade de agradar, toda eu em lingerie provocadora a sussurrar ao ouvido do meu marido:

- Queridooooooooo, quero fazer amor contigo... para me rir da tua pilinha!

Amigos esqueçam as pilinhas porque não é disso que trata o livro.

Bolas, caros leitores, duas vezes enganados? Não é um livro deprimente, não é livro pornográfico, e não, não me parece que seja um livro de culinária (se fosse um livro de culinária teria, obviamente, o prefácio da Clara de Sousa). Calculo então, que riscando todas as hipóteses normais de vida que este livro poderia ter, só resta uma. Este é um livro de uma aparente Ex careca que vê o cancro como um belo motivo de chacota e risada e aproveita para dar dicas aos carequinhos actuais de como se podem safar no mundo do cancro. Aparente Ex careca porque o cancro é como o primeiro amor - pode acabar, desaparecer, mas fica e marca para sempre.